

O ENVELHECIMENTO HUMANO NUMA PERSPECTIVA BIOCICIAL

Autor (1); José Anchieta Bezerra de Melo

Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba - anchietapb@hotmail.com

(1); Carlos Henrique Martinez Vaz

Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba - carloshvaz@hotmail.com

(2); Willian Fernandes Luna

Universidade Federal de São Carlos - willian_btu@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões desenvolvidas no Projeto de Extensão Saúde do Idoso – PESI, da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba. A proposta é analisar, a partir de uma perspectiva biossocial, a dificuldade primordial para conceituar a velhice na sociedade contemporânea, bem como discutir a construção social da velhice e do envelhecimento a partir das contribuições da Medicina e da Antropologia. Por meio de uma análise mais aprofundada e detalhada em suas múltiplas dimensões, constatou-se que, por essas perspectivas, as representações sobre a velhice, a idade a partir da qual os indivíduos são considerados velhos e a maneira como são tratados, possuem significados particulares e diferenciados em contextos históricos, sociais e culturais distintos e que o envelhecimento é parte de um processo contínuo de construção e reconstrução das idades e que conduz a inúmeras subjetivações, encarando-o de formas diferentes, assumindo assim, uma dimensão heterogênea. Alguns a caracterizaram como uma diminuição geral das capacidades da vida diária, outros o consideram como um período de crescente vulnerabilidade e de cada vez maior dependência no seio familiar. Outros, ainda, veneram a velhice como o ponto mais alto da sabedoria, bom senso e serenidade. Cada uma destas atitudes corresponde a uma verdade parcial, mas nenhuma representa a verdade total. Assim, em todas as sociedades, a idade é um conceito social e não apenas biológico ou psicológico
PALAVRAS CHAVE: Envelhecimento; Antropologia; Saúde.

ABSTRACT

This work aims to present some reflections developed in the Projeto de Extensão Saúde do Idoso - PESI, Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba. The proposal is to analyze, from a biopsychosocial perspective, the primary difficulty conceptualizing old age in contemporary society and discuss the social construction of old age and aging from the contributions of medicine and anthropology. Through an in-depth and detailed analysis in its multiple dimensions, it was found that, by these perspectives, the representations of old age, the age at which individuals are considered old and the way they are treated, have particular meanings and in different historical, social and cultural contexts distinct and that aging is part of an ongoing process of construction and reconstruction of ages and leads to countless subjectivities, staring at him in different ways, thus taking, a heterogeneous dimension. Some have characterized as a general reduction in capacities of daily life, others see it as a period of increased

vulnerability and increasing dependence in the family. Still others revere old age as the highest point of wisdom, common sense and serenity. Each of these attitudes represents a partial truth, but neither is the whole truth. Thus, in every society, age is a social concept, not only biological or psychological

KEY WORDS: Aging; Anthropology; Cheers

INTRODUÇÃO

A etapa da vida caracterizada como velhice só pode ser compreendida a partir da relação que se estabelece entre os diferentes aspectos cronológicos e biopsicossociais, de forma dinâmica, progressiva e irreversível. Essa interação institui-se de acordo com as condições da cultura na qual o indivíduo está inserido. Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões desenvolvidas no Projeto de Extensão Saúde do Idoso – PESI, da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba. A proposta é analisar, a partir de uma perspectiva biopsicossocial, a dificuldade primordial para conceituar a velhice na sociedade contemporânea, bem como discutir a construção social da velhice e do envelhecimento a partir das contribuições da Medicina e da Antropologia. Por meio de uma análise mais aprofundada e detalhada em suas múltiplas dimensões, constatou-se que, por essas perspectivas, as representações sobre a velhice, a idade a partir da qual os indivíduos são considerados velhos e a maneira como são tratados, possuem significados particulares e diferenciados em contextos históricos, sociais e culturais distintos e que o envelhecimento é parte de um processo contínuo de construção e reconstrução das idades e que conduz a inúmeras subjetivações, encarando-o de formas diferentes, assumindo assim, uma dimensão heterogênea. Alguns o caracterizaram como uma diminuição geral das capacidades da vida diária, outros o consideram como um período de crescente vulnerabilidade e de cada vez maior dependência no seio familiar. Outros, ainda, veneram a velhice como o ponto mais alto da sabedoria, bom senso e serenidade. Cada uma destas atitudes corresponde a uma verdade parcial, mas nenhuma representa a verdade total. Assim, em todas as sociedades, a idade é um conceito social e não apenas biológico ou psicológico. Infância, adolescência, vida adulta e velhice são fases construídas socialmente, por meio de normas reguladoras que determinam as exigências e as oportunidades de cada segmento etário na ordem social. A concepção biologicista da saúde entende que o processo de envelhecimento fisiológico engloba uma série de alterações nas funções orgânicas e mentais

devido, exclusivamente, aos efeitos da idade avançada sobre o organismo, fazendo com que este perca a capacidade de manter o equilíbrio homeostático e que todas as funções fisiológicas comecem a declinar. Tais alterações teriam por característica principal a diminuição progressiva da reserva funcional. Ou seja, um organismo envelhecido, em condições normais, poderá sobreviver adequadamente, porém, quando submetido a situações de stress físico, emocional etc, pode apresentar dificuldade de manter sua homeostase e, desta forma, manifestar sobrecarga funcional, a qual pode culminar em processos patológicos, uma vez que há acometimento dos sistemas endócrino, nervoso e imunológico. Desta maneira, a condição de 'ser velho' pode variar de indivíduo para indivíduo e essas variações são dependentes de fatores como estilo de vida, condições socio-econômicas e doenças crônicas, além de relacioná-los com aspectos nos planos molecular, celular, tecidual e orgânico do indivíduo. De outro lado, as pesquisas antropológicas sobre a idade cronológica nas sociedades ocidentais e não-ocidentais constataram que, na maioria destas, os estágios de maturidade e as etapas da vida como a infância, adolescência e velhice, não são reconhecidas apenas pelo desenvolvimento biológico, mas também pela capacidade de realizar certas tarefas e marcados por rituais que organiza a vida social. Nas sociedades ocidentais, porém, a idade cronológica é um mecanismo que atribui à conquista da maioridade legal, a entrada no mercado de trabalho ou do direito à aposentadoria. É um critério decisivo para determinar os direitos e deveres do cidadão e que envolve praticamente todas as esferas trabalhistas ou familiares, interferindo na organização do sistema produtivo e econômico, das instituições educacionais, do mercado de consumo e das políticas públicas. Já é irrefutável que a conjugação do decréscimo progressivo das taxas de natalidade com o aumento gradual da esperança média de vida, tem-se traduzido no envelhecimento populacional mundial, sendo assim, a velhice tornou-se uma temática imensamente complexa, e defini-la, para se chegar a uma conceituação que melhor expresse a realidade, tornou-se um desafio.

Todo esse trabalho foi ancorado em diversos estudos, tais como os desenvolvidos pela socióloga Benedita Cabral, (1998) que apresentou diversos estudos relativos ao envelhecimento humano, sobretudo no Nordeste do Brasil, e apontou como eles ocupam, atualmente, um espaço expressivo na academia. Além disso, os segmentos idosos, pessoas de 60 anos ou

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

mais, são os que mais crescem em todas as regiões brasileiras. Em face deste aumento, os estudiosos indicam a necessidade de se implementar políticas públicas e sociais para buscar a participação dessa parcela crescente na sociedade e também discutir os fatores que contribuem para os processos de sua exclusão da vida familiar e coletiva, e inclusive na vida asilar.

METODOLOGIA

Objetivando apresentar algumas reflexões desenvolvidas no Projeto de Extensão Universitária Saúde do Idoso, vinculado a uma faculdade de Medicina da Paraíba, bem como discutir a construção social da velhice em um asilo da cidade de Cabedelo-PB, a partir das contribuições da Medicina e da Antropologia.

Trata-se de um relato de experiências, construído a partir das reflexões dos autores em suas vivências realizadas ao longo de dois anos de desenvolvimento do referido Projeto de Extensão. Os extensionistas realizavam visitas aos idosos com quem possuíam vínculo, construindo um espaço dialógico de trocas de experiências com compartilhamento de visões de mundo e de histórias de vida. Após as visitas, era realizada um encontro teórico-reflexivo, quando as vivências eram discutidas, problematizadas e direcionavam o sentido para os aprofundamentos teóricos necessários. Para construção deste relato, foram utilizados diários de campo e registros das reuniões do Projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A socióloga Benedita Cabral, (1998) que apresentou diversos estudos relativos ao envelhecimento humano, sobretudo no Nordeste do Brasil, e apontou como eles ocupam, atualmente, um espaço expressivo na academia. Além disso, os segmentos idosos, pessoas de 60 anos ou mais, são os que mais crescem em todas as regiões brasileiras. Em face deste aumento, os estudiosos indicam a necessidade de se implementar políticas públicas e sociais para buscar a participação dessa parcela crescente na sociedade e também discutir os fatores que contribuem para os processos de sua exclusão da vida familiar e coletiva, e inclusive na vida asilar.

No âmbito do Projeto de Extensão Saúde do Idoso, PESI, buscou-se o desenvolvimento de atividades de integração dos estudantes com idosos asilados. O objetivo era promover a melhoria das relações intergeracionais, ampliando o espaço de interferência do conhecimento adquirido dentro da instituição universitária na comunidade beneficiada, como parte de um processo que inclui a articulação de uma fundamentação teórica e pesquisas, com ações práticas de convivência com idosos.

O resgate histórico século XXI trouxe consigo inúmeras transformações nos mais variados segmentos sociais, confirmando tendências verificadas durante o século que o antecedeu. Isso pode ser demonstrado ao direcionarmos a nossa atenção para um dos pilares da sociedade: a família. Esta foi e está sendo palco de mudanças fundamentais, provocando a formação de uma nova estrutura social.

Deste modo, é importante considerarmos que, *“as muitas transformações que ocorreram nas relações familiares, algumas mais velozes, outras mais demoradas, são indícios dos impactos da modernização da sociedade”* CABRAL (1998: 52).

Contudo,

o modelo de família nuclear conjugal tem permanecido, amoldando-se às transformações que revolucionaram as relações sociais quanto aos papéis de gênero, às hierarquias entre as gerações, a autoridade paterna e o tamanho da família (op.cit.: 56)

Entre tais mudanças, podemos destacar a inserção da mulher no mercado de trabalho, que exerceu influência bastante acentuada, aliada a outros fatores, para o declínio da fecundidade, reduzindo, paulatinamente, o tamanho da família atual.

Nesse sentido, segundo CABRAL (op. at: 52),

O impacto desses processos sobre a organização da família influencia uma nova configuração para as relações familiares e altera as expectativas quanto aos papéis paternos, maternos e filiais. Dentre os fatores demográficos destaca-se um, inteiramente novo na história da humanidade, a generalização da longevidade, a qual produziu efeitos importantes no interior da família, como a convivência prolongada entre as gerações e as possibilidades reais dos indivíduos passarem mais tempo de suas vidas na condição de avós, pais, filhos e netos.

É nesse contexto que o idoso, especialmente o brasileiro, está inserido, exercendo muitas vezes, ao contrário do que comumente pensamos, a chefia das famílias, além de existir uma intensa convivência multigeracional, uma vez que muitos idosos moram com filhos adultos e netos. Um dos fatos que possivelmente permite essa situação é o acentuado desemprego existente, impossibilitando que os filhos adquiram independência e fazendo com que procurem refúgio nas relações familiares.

Assim, entre outros elementos, é através das pensões, aposentadorias e moradia própria, que os idosos alcançam o reconhecimento da autoridade na estrutura familiar, elevando a auto-estima destes, influenciando fortemente as relações familiares para com o idoso e provocando a valorização da família nas camadas populares (Cabral, 1998)

Desta forma, como mostrado em muitas pesquisas vimos que as relações familiares não são estáticas ou naturais, mas fruto das relações sociais atingidas no decorrer do tempo. Por este motivo, devemos observar que os papéis criados socialmente, os quais subjetivaram como verdadeiros, devem ser estudados e reinventados de acordo com as mudanças ocorridas na sociedade.

Nesse sentido, *“analisando o número de idosos no total da população, verifica-se que ele vem crescendo ao longo do tempo, passando de 2,38% em 1940 para 4,83% em 1991”* (BERQUÓ, 1999: 17), indicando que a população idosa já supera o crescimento da população total. Cabe ressaltar que, apesar da longevidade ser uma conquista para a população, ela é considerada um grande e crescente desafio para a sociedade, governo e empresas do presente

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

e do futuro. Setores como transporte, saúde, educação e assistência social visualizam esse aumento na demanda populacional do segmento idoso como um fardo, principalmente, o sistema previdenciário, que não possui um suporte e/ou capacitação para lidar com essa realidade.

As propostas de pesquisas sobre o envelhecimento em asilos de idosos ou instituições que congregam majoritariamente pessoas de idade avançada são pensadas como tentativas de aproximação de uma experiência que compreende duas facetas distintas. Uma mostra a solidão, o desprezo e o abandono levado às últimas conseqüências. A outra, positiva, reflete vantagens do envelhecimento, que seriam a sabedoria e outros aspectos que dariam caráter especial às vivências das pessoas.

Nesta mesma linha, Goffman (1974) define asilo como uma instituição total na qual os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sobre uma única autoridade, cada etapa das atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários e toda a sua seqüência impostas de maneira vertical, por um grupo de funcionários, submetidos a um sistema de regras formais implícitas.

Evidencia-se aqui, como define Motta (1998), a existência de duas situações, o idoso autônomo e até protetor ou provedor da família e o idoso dependente, pouco valorizado na família. Uma conseqüência da clara heterogeneidade de situações que os idosos vivem, de acordo com suas condições sociais e a subjetividade possível, torna-se claro que essas duas situações bem diferenciadas existem e coexistem. Mas, ainda assim, é a imagem do idoso carente e necessitado de proteção que predomina.

Tencionando desmistificar a idéia de incapacidade dos mais idosos gerirem suas próprias vidas e permanecerem ativos na família e na sociedade, os conhecimentos sócio-antropológicos juntamente com os conhecimentos pedagógicos subsidiam a ação extensionista, cuja meta será a ação educativa para o envelhecimento. *“Na atual conjuntura as famílias são chamadas a assumirem de forma mais ampla seu papel de proteção social”* (Goldani, 1996:14). Por outro lado, a discussão sobre a inserção dos idosos na família parece não se esgotar. *“O contingente*

cada vez maior de pessoas longevas, ultrapassando 60 anos de idade, sobrevivendo por mais vinte ou trinta anos, vem alterando as relações familiares e as demais relações sociais em formas ainda pouco conhecidas” (Cabral, 1999:64).

A solidariedade entre as gerações é, de acordo com Motta (op. cit.), uma necessidade urgente diante, da crescente omissão do Estado neoliberal em relação às políticas sociais, principalmente no que se refere aos velhos e aposentados, provocando a necessidade de atuação mais direta e intensa da família na regulação das relações e nos apoios intergeracionais.

A realidade nos instiga a perceber que o crescimento da expectativa de vida é um fato complexo e deve ser encarado como tal. Não é de hoje que os indivíduos visualizam o mundo de forma predominantemente jovem, que os idosos ocupam uma ínfima parcela da população, porém, o envelhecimento populacional é algo consumado.

Esse fato é confirmado na análise do médico gerontologista Alexandre Kalache, coordenador do Programa de Envelhecimento e Curso da Vida da Organização Mundial de Saúde (2005: 11), quando afirma que,

Em muitos países, mesmo na Europa, ainda persiste a mentalidade de que a população é predominantemente jovem. O sistema de saúde e a infra-estrutura urbana não levam em consideração o aumento acelerado de pessoas na terceira idade.

Ainda assevera que *“em 2050 o número de idosos no mundo vai ser equivalente ao de jovens, e é preciso que as sociedades se preparem para essa mudança. O idoso de 2050 não é uma abstração, ele é o jovem de hoje” (KALACHE, 2005: 11).*

Nesse sentido, os indivíduos perceberão que possivelmente passarão a maior parte de suas vidas como adultos ou idosos. Tal fato provocará, então, uma paulatina mudança nos

valores e na qualidade de vida das pessoas e, acima de tudo, a consciência de que é necessário e indispensável um tratamento digno ao idoso.

Deste modo, é perceptível que o século XXI está confirmando o que já se prenunciava e afirmava no século que o antecedeu, o aumento da longevidade e a conseqüente mudança nas relações intergeracionais. A família, um dos pilares da sociedade, é também um forte exemplo a ser mencionado, uma vez que houve e há uma transformação crescente na família tradicional brasileira, tendo como fator principal, a inserção da mulher no mercado de trabalho, o que provocou, aliado à outros fatores, uma diminuição significativa na taxa de fecundidade. Isso alterou a estrutura familiar, atingindo a demografia, pois houve uma expansão na expectativa de vida da população. Assim, a temática relativa à longevidade está atuando de forma bastante incisiva nas relações familiares, a partir da convivência multigeracional existente, além de ser encarada como uma realidade complexa por parte da sociedade, governo e empresas do presente e do futuro, já que não há uma capacitação para lidar com tal situação. Sendo assim, torna-se claro que a longevidade está, paulatinamente, se tornando uma questão pública e atingindo os diversos setores sociais, uma vez que é visualizada como um desafio. Neste contexto, há uma necessidade latente de políticas sociais com a finalidade de promover condições dignas ao idoso.

CONCLUSÃO

De acordo com o exposto é possível salientar as possibilidade de uma utilização prática dos conhecimentos produzidos na relação entre a academia com a comunidade das instituições asilares. Das visitas advieram boa parte da apreciação daquele cotidiano asilar e impressões sobre a vida comunitária, correlacionáveis à bagagem teórica adquirida.

No âmbito do Projeto de Extensão Saúde do Idoso, PESI, buscou-se o desenvolvimento de atividades de integração dos estudantes com idosos asilados. O objetivo era promover a melhoria das relações intergeracionais, ampliando o espaço de interferência do conhecimento adquirido dentro da instituição universitária na comunidade beneficiada, como parte de um processo que inclui a articulação de uma fundamentação teórica e pesquisas, com ações práticas de convivência com idosos.

A convivência freqüente entre os integrantes do Projeto viabilizou ainda a adoção de diferentes perspectivas acerca da inserção do idoso em seu ambiente circundante. Divulgação e apresentação de trabalhos acadêmicos e respectivas participações em seminários/congressos sob o eixo temático do envelhecimento permitiram um alargamento de perspectivas acerca das principais atividades e estudos direcionados a este segmento populacional, nos mais diversos âmbitos – da saúde às políticas públicas, da sociologia à área jurídico-previdenciária. Qualidade de vida, análise de dados estatísticos demográficos, relações sociais, considerações sobre a população, convivência entre gerações e aspectos psicológicos constam como exemplos de pontos focalizados neste período.

Além disso, faz-se necessário acrescentar que os encontros com a comunidade idosa asilar se consubstanciaram como de suma importância na medida em que tornaram possível uma maior sensibilização quanto à postura da sociedade contemporânea quanto aos dilemas dos mais velhos, cerne dos debates teóricos, e da conseqüente necessidade de serem reformuladas práticas que possibilitem uma maior integração dos idosos na comunidade, face às demandas deste segmento tendencialmente crescente da população brasileira.

REFERÊNCIAS

SCHNEIDER, Rodolfo. **Envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais**. SP: Campinas, 2008.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. RJ: Guanabara, 1983.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: **questões de sociologia**. RJ: Marco Zero, 1983.

CABRAL, B. S. L. “Família e idosos no Nordeste brasileiro”. **Caderno CRH**, Salvador, UFBA, n. 29, p. 49-67, jul/dez. 1998.

_____. “A vida começa toda dia”. In: **Estudos Feministas**, N.1/97; Vol I, IFCH/UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.

DEBERT, Guita G. “A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade”. In: **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade; memórias e política. (Org.) Miriam Morais de Barros, RJ: Fundação Getulio Vargas, 1998.

_____. “A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade”. In: **Velhice e Sociedade**. Anita L. Neri e Guita G. Debert (Orgs.). Campinas, SP: Papirus, 1999.

DEBERT, G.G. **A reinvenção da velhice** - socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo; EDUSP, 2000.

ELIAS, Norbet. **A Solidão dos Moribundos, seguido de “Envelhecer e morrer”**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. SP: Unesp, 1991.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

NERI. A. L. **Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos**. Campinas, SP: Unicamp, 1991.